

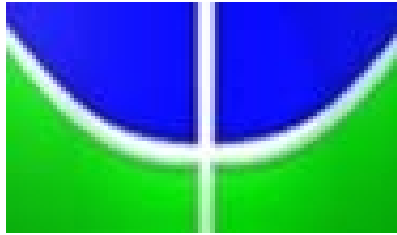
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA  
LITERATURA**

**CAROLINE SANT' ANA DELFINO**

**AVALIAÇÃO DE TEXTOS MASSIVOS:  
PLANILHA DE CORREÇÃO**

Brasília, Distrito Federal.

2014



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA  
LITERATURA**

CAROLINE SANT' ANA DELFINO

**AVALIAÇÃO DE TEXTOS MASSIVOS E NÃO MASSIVOS:  
PLANILHA DE CORREÇÃO**

Monografia, apresentada ao Curso de Graduação em Letras-português, da Universidade de Brasília, para obtenção do título de Bacharela em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>Wânia de Aragão-Costa

Brasília, Distrito Federal.

2014

*Para minhas amadas mãe e irmã, Cida e  
Isabelle, que jamais desistiram de mim.*

## Agradecimentos

A Deus, cujo amor me guia e ilumina em todos os momentos, renovando minha fé em cada barreira e

À minha mãe, Maria Aparecida, e minha irmã, Isabelle, pelo amor, incentivo diário, paciência e puxões de orelha. Vocês são parte essencial dessa e de todas as experiências da minha vida.

Às minhas tias, ao meu tio, ao meu cunhado e aos meus primos Bruno, Daniele Tiago por me acolherem com tanto amor. Agradeço em particular ao Dudu, pelos conselhos amorosos de irmão mais velho.

À querida professora Wânia de Aragão-Costa, por me orientar, por acreditar em mim, por dividir comigo seus ensinamentos preciosos e por aceitar me guiar nesta jornada incrível.

Aos amigos que encontrei na Universidade em sala, no RU ou ainda no anf. 17, ao som de Gonzaga. Larinha, Paty, Wawa, David, Thiago, Thomas, Dean, Betinho, Iza, Rebecca, Bia e Andréia, não teria sido inesquecível sem cada um de vocês. Caso a rotina nos separe, que não nos afaste.

A Luana Vaz. Nossos passos se encontraram ainda na primeira aula da graduação; que permaneçam assim por tempo indeterminado.

Às professoras Heloísa Salles, Walkíria Neiva Praça, Virgínia Vasconcelos e Adriana Araújo, pelos ensinamentos e conselhos inestimáveis. E ainda por terem me mostrado, muito efetivamente, o quanto eu tive e tenho a crescer.

Àquela que sonhou com meu ingresso na Universidade antes mesmo que eu proferisse as primeiras palavras. Auracy (*in memoriam*), minha mãe, que segue como um exemplo de diversas formas e que me deixou o maior presente que eu poderia ter: a minha família.

*Minha pátria é a língua portuguesa. [...] Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro directo que me enoja independentemente de quem o cuspiisse. Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-ma do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.”*

*(Fernando Pessoa)*

## Resumo

Este estudo aborda a feitura de planilhas de correção aplicadas sobre redações de eventos massivos, com enfoque na prova discursiva do Exame Nacional do Ensino Médio. São conceituados os tópicos essenciais que compõe o texto, esmiuçando-se sua anatomia, de modo a atestar o valor imprescindível do conhecimento de suas especificidades para uma correção eficiente. A hipótese levantada é que a elaboração da planilha se sujeita à ciência de tais especificidades. São analisados determinados critérios de correção recorrentes em planilhas de correção, com o intuito de atestar os aspectos favoráveis e desfavoráveis de sua aplicação. O eixo desta seção são os critérios de descarte da redação em avaliações massivas, particularmente os conceitos de número mínimo de linhas, fuga ao tema e cópia, e o emprego de adjetivos na planilha de correção. É ainda discutida a natureza da avaliação e o papel do corretor neste processo.

**Palavras-chave:** planilha; redação; correção; Enem; texto.

## Abstract

This study approaches the making of spreadsheets correction applied to massive events wordings, with a focus on discursive exam from Exame Nacional do Ensino Médio. The essential topics that compose the text are conceptualized, dividing its anatomy in order to attest to the value of knowledge to their specificities for an efficient correction. The hypothesis is that the development of the spreadsheet is subjected to the science of its specifics. Certain correctness standards usually applied in spreadsheets correction are analyzed, in order to attest to the favorable and unfavorable aspects of its application. The axis of this section are the standards for elimination of wordings in massive ratings, particularly the concepts of minimum number of lines, run off the main theme and copy, and the use of adjectives in the spreadsheet correction. It also discussed the nature of the evaluation and the role of the corrector in this process.

**Key words:** spreadsheet correction, wording, correction, Enem, text.

## **LISTA DE FIGURAS E TABELAS**

|  |            |
|--|------------|
| <b>Figura1 – Anatomia do Texto.....</b>                              | <b>10.</b> |
| <b>Tabela 1: Tópicos do gênero textual.....</b>                      | <b>11</b>  |
| <b>Tabela 2 – Critérios de descarte do Enem.....</b>                 | <b>15</b>  |
| <b>Tabela 3 – Adjetivos utilizados nas competências do Enem.....</b> | <b>21</b>  |

## **SUMÁRIO**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 Apresentação.....</b>                   | <b>9</b>  |
| <b>2 A anatomia do texto.....</b>            | <b>10</b> |
| <b>3 A avaliação massiva.....</b>            | <b>14</b> |
| <b>3.1 Critérios de descarte.....</b>        | <b>15</b> |
| <b>3.1.1 Sete linhas.....</b>                | <b>16</b> |
| <b>3.1.2 Fuga total ao tema.....</b>         | <b>17</b> |
| <b>3.1.3 Cópia (plágio) .....</b>            | <b>18</b> |
| <b>3.2 Uso de adjetivos na planilha.....</b> | <b>20</b> |
| <b>4 Considerações Finais.....</b>           | <b>23</b> |
| <b>Referências Bibliográficas.....</b>       | <b>24</b> |
| <b>Glossário: a anatomia do texto.....</b>   | <b>25</b> |



# 1 Apresentação

Avaliações massivas em forma de provas discursivas – redações – são compostas por diversas partes essenciais em sua concepção, e seu andamento é definido, sobretudo, pela feitura da planilha de correção das provas e aplicação desta.

Este estudo tem por objetivo contemplar aspectos relacionados à elaboração de uma planilha de correção, definindo pontos essenciais a serem observados neste processo e evidenciando erros pontuais. Para isto, analisaram-se, em especial, as competências do Enem, tomadas como critérios de correção das provas.

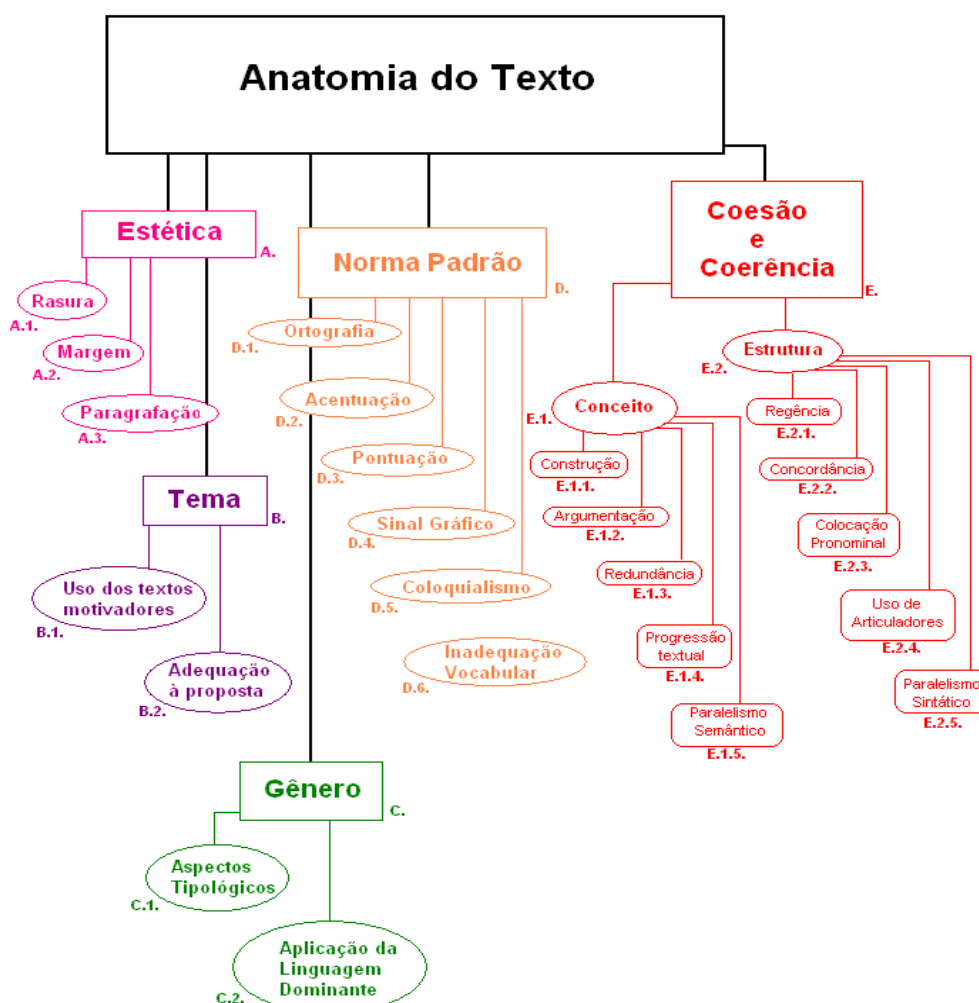
Este estudo divide-se em três partes principais. Na primeira delas, correspondente à seção 2, é feita a decomposição das partes essenciais do texto, seguida de análise e descrição de cada um dos fragmentos para elucidação de sua função no âmbito da avaliação. Na seção 3, a abordagem da avaliação massiva, em decorrência da necessidade de conhecer o desempenho em provas discursivas do participante de tal processo, é feita para elucidar a função da planilha de correção no evento e para que se faça alguns apontamento à respeito. Isto é feito especialmente voltado para a redação do Enem. Além disso, são considerados os critérios usuais de descarte de textos nessas avaliações, em particular os conceitos de sete linhas, fuga ao tema e cópia (plágio), de modo que suas condições sejam analisadas em favor de uma correção justa e igualitária. Ainda na seção 3 há o breve estudo sobre o uso de adjetivos na planilha de correção, corroborando o emprego de termos adequados a uma avaliação imparcial.

## 2 A anatomia do texto

A concepção e especificidades do texto, em particular dentro dos gêneros trabalhados nas salas de aula e cobrados nas avaliações massivas, variam a depender dos livros didáticos, publicações dos avaliadores e conceitos pessoais. Tal mutabilidade interfere no ensino e na prática de textos, de modo que estudantes muitas vezes encontram-se incertos quanto às características essenciais de um texto – tomando aqui a redação escolar e acadêmica como objeto.

Na redação, atendendo às exigências dos examinadores e da própria Língua Portuguesa, necessita-se englobar critérios pertencentes a cinco diferentes áreas: estética (A), tema (B), gênero (C), norma padrão (D) e coesão e coerência (E):

Figura1 – Anatomia do Texto



A estética textual engloba aspectos visuais e estruturais do texto que interferem na avaliação, leitura e interpretação de modo absoluto. A presença de rasuras afeta a legibilidade do texto, dificultando ou impossibilitando qualquer relação com este, bem como o posicionamento quando à margem e a paragrafação podem prejudicar a leitura a ponto de indefinir a estrutura textual. Garcia (1967, pág. 220):

Indicado materialmente na página impressa ou manuscrita por um ligeiro afastamento da margem esquerda da folha, o parágrafo facilita ao escritor a tarefa de isolar e depois afastar convenientemente as ideias principais da sua composição, permitindo ao leitor acompanhar-lhes o desenvolvimento nos seus diferentes estágios.

Na esfera temática, quando em provas discursivas de eventos massivos ou mesmo avaliações em âmbito escolar ou acadêmico, a aplicação de textos motivadores e a aplicação de uma proposta específica são corriqueiras. O uso dos textos motivadores pelo candidato deve ser cauteloso, de modo a pautar sua própria reflexão respeitando o limiar entre a inspiração e a cópia completa. Do mesmo modo, a adequação à proposta obedece a critérios de avaliação distintos, de acordo com o tema e assunto propostos.

Questões de gênero envolvem habilidades relacionadas ao tipo e ao gênero textual trabalhados na redação. Os aspectos tipológicos caracterizam o desenvolvimento do autor em função da capacidade linguística exigida pelo tipo textual: narrar, relatar, argumentar, dissertar, expor ou descrever. Já a aplicação da linguagem dominante compreende habilidades que relacionam o tipo ao gênero empregado.

**Tabela 1: Tópicos do gênero textual**

| <b>Aspecto Tipológico</b> | <b>Aplicação de Linguagem Dominante</b>                                  |
|---------------------------|--|
| Narrar                    | Detalhes de ação através da criação da intriga no domínio do verossímil. |
| Relatar                   | Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.  |
| Argumentar dissertar      | Sustentação, refutação e negociação de                                   |

|           |  |
|-----------|--|
|           | tomadas de posição.                                    |
| Expor     | Apresentação textual de diferentes formas dos saberes. |
| Descrever | Regulação mútua de comportamentos.                     |

Também conduzindo o a escrita efetiva encontra-se domínio da norma padrão, subdividindo-se entre categorias que expressam os pontos relevantes numa avaliação eficiente. A observação da ortografia garante a sinalização de qualquer discordância à norma padrão da Língua Portuguesa, ao passo que a análise da acentuação da pontuação e dos sinais gráficos define um bom uso dos recursos do âmbito. A não ocorrência de coloquialismos e inadequações vocabulares também contribui para um texto coeso, razão pela qual tais aspectos devem ser examinados.

A complexidade dos pormenores associados às categorias supracitadas é inegável; no entanto, itens conexos aos conceitos de coesão e coerência devem ser particularizados. A área conceitual, a construção e a argumentação do texto devem ser vistas como a propriedade com que o autor se expressa e a qualidade do desenvolvimento das ideias selecionadas para embasar a teoria, respectivamente. Sobre a argumentação, declarações do texto, Garcia pondera que “toda declaração que expresse opinião pessoal ou pretenda estabelecer verdade só terá validade se devidamente demonstrada, isto é, se apoiada ou fundamentada na evidência dos fatos” (*ibidem*, pág. 305).

A redundância é, segundo Garcia, “uma das mais comuns formas de prolixidade” (*ibidem*, pág. 297) o que corrobora a necessidade de observar sua possível presença. Ele explana ainda (*ibid.*):

Ela consiste não apenas em explicitar em demasia, em detalhar superfluamente, em acrescentar ideias já claramente expressas (pleonasma propriamente dito) ou implicitamente subentendidas, logicamente deduzíveis, mas também em sobrecarregar a frase com adjetivos e advérbios, com acumulação de sinônimos e repetição de palavras sem qualquer efeito enfático.

A não ocorrência de redundâncias colabora para uma boa progressão textual, que por sua vez é caracterizada pela propriedade com que o

participante desenvolve o texto em sua macroestrutura. A observância da sequência definida como paralelismo semântico procura avaliar a capacidade do autor em construir microestruturas textuais – relacionar os termos oracionais, utilizando os conectores de modo a formar ideias estruturadas. Sobre isso, Garcia (*ibid*, pág. 53) declara:

O paralelismo não constitui uma norma rígida; nem sempre é, pode ou deve ser levado à risca, pois a índole e as tradições da língua impõem ou justificam outros padrões. Trata-se, portanto, de uma diretriz, mas diretriz extremamente eficaz, que muitas vezes saneia a frase, evitando construções incorretas, algumas, inadequadas, outras.

Por outro lado, o campo estrutural compreende a organização dos componentes linguísticos do texto. Deve-se verificar o emprego da regência nominal e verbal, garantindo a correção gramatical. De acordo com Cunha (2008, pág. 530), “em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo. Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento à outra, é o que se chama regência”. É necessário verificar ainda o emprego da concordância verbal e nominal, atestando a relação entre ideias, da colocação pronominal e o uso de articuladores, auxiliando a construção e a progressão textual, como explica Garcia quando diz que as palavras, quando “carentes da articulação sintática necessária, se atropelam, não fazem sentido – e, quando não há nenhum sentido possível, não há frase, mas apenas um ajuntamento de palavras” (1967, pág. 33). Por fim a presença de paralelismo sintático, que sendo encadeamento de termos ou orações de função sintática correspondente, favorece o bom desenvolvimento estrutural dos períodos e parágrafos.

### **3 A avaliação massiva**

A capacidade de elaborar um texto conciso é imprescindível num estudante de ensino superior e, por conseguinte, num profissional capacitado,

qualquer que seja sua área de atuação. Esta, entre outras, é razão da existência de provas discursivas em concorrências como vestibulares: selecionar aqueles que estão aptos a elaborar textos com excelência ou que atendam às necessidades da atividade. E por ter tamanha importância, o ato da correção torna-se um catalisador do desempenho do candidato.

Isto, quando multiplicado por centenas de pessoas, requer cuidado minucioso, de modo que a correção - e o iminente resultado - estejam em conformidade com a justiça e a imparcialidade. No campo da avaliação massiva, este processo se resume num objeto, que se preparado de modo efetivo, prescinde questionamentos: a planilha de correção de textos. Os critérios de avaliação norteiam o proceder do participante, e uma vez claros, evitam dúvidas e desvios relacionados à estrutura. Em se tratando dos tópicos de correção, é importante ter em mente, ao invés da dimensão da prova ou concorrência em questão, a estrutura do tipo textual trabalhado. A planilha não se molda ao concorrente ou ao corretor (*ad hominem*); ela atende ao texto, ao objeto (*ad rem*).

Assim, percebe-se a indispensabilidade de se conhecer a anatomia do texto com excelência para que se entenda o que deve ser cobrado de um candidato num exame massivo ou não massivo. Com este objetivo fixado, não há brechas para avaliação subjetiva – e, portanto, discutível. E se há a necessidade de conhecer a estrutura do texto, é obrigatório que se crie parâmetros de avaliação para as estruturas textuais que não estejam em conformidade com o solicitado. São os critérios de desconsideração ou descarte.

### **3.1 Critérios de descarte**

As características presentes numa redação que o desqualificam devem considerar o texto em sua totalidade, ponderando a esfera estrutural, a conceitual e a linguística, além de contemplar aspectos de natureza micro

estrutural para que um participante ou candidato de exame massivo ou não massivo tenha chances de ser avaliado de modo isento e justo. No Enem, a redação do participante sofre penalidade caso apresente atributos específicos.

**Tabela 2 – Critérios de descarte do Enem**

| <b>Característica</b>  | <b>Consequência</b>                          |
|--|--|
| Fuga total ao tema   | Atribuição de nota 0 (zero)                  |
| Não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa  | Atribuição de nota 0 (zero)                  |
| Extensão do texto em até 7 (sete) linhas   | Atribuição de nota 0 (zero)                  |
| Presença de impropérios, desenhos e parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto | Atribuição de nota 0 (zero)                  |
| Desrespeito aos direitos humanos   | Atribuição de nota 0 (zero)                  |
| Folha de redação em branco   | Atribuição de nota 0 (zero)                  |
| Cópia parcial dos textos motivadores ou de questões da prova objetiva                            | Desconsideração do número de linhas copiadas |
| Letra ilegível   | Não avaliação da redação                     |

Com efeito, editais de avaliações massivas cuja prova discursiva exige elaboração de redação apresentam critérios semelhantes de descarte, não equivocadamente. Existem, porém, questões a serem levantadas sobre três destes tópicos, aqui explanados.

### **3.1.1 Sete linhas**

Uma vez estabelecido um critério de avaliação, o aluno busca se adequar a ele, monitorando-se para não cometer erros que poderiam levar a alguma penalidade. E quando se trata de uma possível anulação da redação, o cuidado com estes torna-se ainda mais minucioso. Um dos elementos textuais observados para tal fim é o número de linhas. Segundo o Guia do Participante

Enem 2013, no ato da correção, um texto com até sete será descartado por não atingir o número mínimo pré-fixado. O que não é explicado no Guia do Participante é o que motivou a escolha do número sete. Não há qualquer embasamento teórico – que tenha sido tornado público – a explicar a decisão pelo número sete. Os parâmetros que definem tais textos como sendo insuficientes são desconhecidos; e o que torna um texto com oito linhas passível de ser valorado em vez de um com até sete é igualmente misterioso.

Isto nos leva a indagar a origem do “conceito das sete linhas”. A atual literatura voltada à redação escolar e acadêmica não fixa critérios tão específicos quanto o número mínimo ou máximo de linhas – isto apenas é distinguível nos editais de provas massivas, como o Enem. Sarmiento (2006), por exemplo, instrui estudantes do ensino médio que se preparam para o Enem: “Fique atento ao número de linhas. Não fique aquém nem vá muito além do número estipulado, o que pode demonstrar falta de argumentos ou dificuldade de concisão”.

O conceito é que o número médio de linhas de um texto com excelência é algo já estabelecido pelo senso comum do universo escolar e acadêmico, assim como o número mínimo. Todavia, não há um consenso sobre quantas linhas deve haver numa composição para ser considerada aceitável.

Se a consolidação de um número arbitrário tem natureza pura e simplesmente administrativa – promover o descarte imediato de redações que não levarão o candidato à aprovação sem que os corretores se demorem num trabalho infrutífero – então é necessário que se faça um estudo sobre o que é um texto e que tal pesquisa seja devidamente publicada, levando os candidatos à compreensão da razão dessa fixação.

### **3.1.2 Fuga ao tema**

Questões de gênero e tipo textual ou tema envolvem a redação como um todo, sendo necessário observar toda sua estrutura para que se obtenha análise completa dentro desses aspectos. O atendimento a um tema proposto exige do participante: planejamento das ideias a serem abordadas e sua conseguinte disposição; embasamento teórico para reforçar os argumentos; e



habilidade discursiva para se utilizar dos recursos linguísticos dominantes do tipo e gênero solicitados. Quando não se atente ao tema, no entanto, é necessária avaliação específica.

O Guia do Participante Enem 2013 considera fuga ao tema uma redação que tenha fugido a este quando nem o assunto mais amplo nem o tema proposto são desenvolvidos. É perfeitamente possível que o candidato não trabalhe nenhum dos dois tópicos, desenvolvendo uma composição diferente do que foi solicitado. Isto definitivamente, para fins de correção e atribuição de pontuação, acarreta prejuízo, uma vez que o desmerecimento de enunciado direto caracteriza ou uma desatenção inescusável ou insubordinação deliberada.

Ainda que este enfoque seja certo, é preciso considerar a competência do autor em escrever sua redação, mesmo que não estando em conformidade com o tema proposto, de modo que suas habilidades sejam avaliadas. A desconsideração do texto em função do não atendimento à proposta atinge o candidato em cinco esferas diferentes, quando na verdade engloba a questão engloba apenas uma das esferas da avaliação: a compreensão da proposta e aplicação das ferramentas do gênero. Isto é discutível, no caso do Enem, pela presença de um critério definido como “fuga ao tema/não atendimento à proposta”, na competência II, que configura a pontuação 0 (zero) apenas nesta competência, e não no texto todo, uma contradição.

### **3.1.3 Cópia (plágio)**

Quando na concepção do texto escolar e acadêmico, a criatividade e a relevância da discussão proposta contribuem significativamente para a excelência. Trata-se de, no caso do texto dissertativo-argumentativo, utilizar estratégias argumentativas para desenvolver a redação, ao passo que se inserem conceitos autorais. E por autoral toma-se como definição a

capacidade de expressar ideias PRÓPRIAS a partir de repertório sociocultural produtivo.

Enquanto a autoria coopera para a excelência, o plágio contribui para o insucesso escolar e acadêmico. Um espaço no qual se devem desenvolver as próprias habilidades não dá vazão à inaptidão para o protagonismo. E em se tratando de provas discursivas dentro de avaliações massivas, este proceder é penalizado. A cópia parcial dos textos motivadores, segundo o Guia do Participante Enem 2013, configura conduta imprópria e acarreta descarte do número de linhas copiadas para efeito de avaliação e contagem do número de linhas, valendo somente as produzidas pelo autor da redação. A própria planilha apresenta critérios voltados à questão: a competência II, que corresponde à compreensão da proposta de redação e o desenvolvimento da argumentação, expõe tópicos que avaliam se o participante recorreu à cópia de trechos dos textos motivadores para levantar seus argumentos.

A avaliação baseada nestes preceitos tem fundamento segundo o objetivo de preconizar a criatividade e originalidade. No entanto, é possível, como estratégia de argumentação, não apenas citar, mas também parafrasear – ou mesmo copiar parcialmente – desde que seja para chegar a uma nova ideia ou conclusão. A leitura do texto motivador deve ser feita exclusivamente para despertar reflexão sobre o tema, porém não se pode afirmar até onde o candidato pode ir a partir de um marco inicial designado pelo próprio texto motivador. Se a leitura desperta o raciocínio, o objeto analisado pode ser fundamental à explanação. A paráfrase pode ser essencial para a fundamentação da tese.

Isto significa que num tema relacionado à conservação do meio ambiente, por exemplo, caso o indivíduo se depare num texto motivador com a afirmativa que o homem é o principal causador da atual condição deplorável da natureza – uma ideia em conformidade com o senso comum – e esse indivíduo se proponha a abordar as circunstâncias que acarretam esta situação para então chegar a uma proposta de intervenção, seria provável ocorrer uma paráfrase, intencional ou não, da afirmativa quanto ao papel do homem na destruição. A ideia, ainda que sendo de cunho pouco criativo, seguiria como parte do raciocínio do aluno, além de essencial para a argumentação por ele desenvolvida.

Um tema como este é exemplo do que se tem como pouco afeito a inovações no campo da introdução, sendo então necessário, a depender do conteúdo do texto escolhido como motivador, trabalhar com o que foi exposto neste. O candidato não pode ser penalizado, e, desse modo, prejudicado, por um acontecimento natural ao processo da feitura do texto: a aquisição de conhecimento e a criação a partir do já existente. Garcia (1967, pág. 340) explica “como criar ideias”:

Muitas vezes, circunstâncias várias limitam as oportunidades de experiência pessoal. Neste caso, temos de servir-nos da alheia, o que, em síntese, consiste em saber o que os outros observaram, fizeram, viram, sofreram, pensaram, sentiram. Ora, na realidade, parece que só há mesmo três modos de aproveitar a experiência alheia: o convívio, a conversa e a leitura.

### **3.2 Uso de adjetivos na planilha**

A avaliação textual tem por objetivo produzir julgamento, e dentro de uma concorrência como um vestibular ou concurso público, sua importância é vital. Quando feita, a avaliação, a depender dos critérios de pontuação da respectiva prova, distingue os candidatos aprovados daqueles que não atingiram a meta. Este é um processo objetivo e imparcial. Tais adjetivos,

entretanto, não se aplicam eficientemente se a planilha de correção apresenta adjetivos controversos, tornando a avaliação, para o candidato, um procedimento constrangedor.

A feitura de uma planilha deve favorecer a neutralidade e a precisão. O texto deve ser visto como uma construção pessoal sobre a qual se aplicarão critérios específicos a fim de atribuir pontuação às estratégias e habilidades empregadas pelo autor. A formação de uma planilha, entre outros aspectos, deve garantir que situações vexatórias sejam evitadas, e o uso de adjetivos não propiciamente o constrangimento como também o levantamento de dúvidas acerca da natureza da avaliação devido a esse emprego, já que um candidato reprovado pode considerar a avaliação como tendo caráter discutível se a base de avaliação de seu desempenho for pontuada por termos controversos e passíveis de questionamentos.

As competências que guiam a correção da redação no Enem são exemplo no que tange ao uso desnecessário de adjetivos. Todas as cinco apresentam termos que qualificam as habilidades do candidato, tanto positiva quanto negativamente. Estes vocábulos são empregados na planilha de tal modo que distinguem diretamente a nota do candidato entre as opções que compõem a competência, uma vez que, dentro desta, os critérios de atribuição de pontos são apresentados a partir de sentenças caracterizantes, as quais são pontuadas por estes adjetivos, o que torna seu peso ainda maior. E a avaliação se mostra duvidosa quando observados os adjetivos empregados à luz da semelhança entre seus significados.

**Tabela 3 – Adjetivos utilizados nas competências do Enem**

| <b>Competência/referente textual</b>                          | <b>Adjetivo</b>                                  |
|---|--|
| I: Domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa. | Precário; insuficiente; mediano; bom; excelente. |
| II: Compreensão da proposta de redação                        | Precário; insuficiente; previsível;              |

|  |  |
|--|--|
| e aplicação de conceitos.  | mediano; consistente; bom.   |
| III: Seleção, relação, organização e interpretação de informações, fatos, opiniões e argumentos. | Incoerentes; desorganizados; contraditórios; limitados; (forma) organizada; consistente. |
| IV: Conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.      | (Forma) precária; insuficiente; limitado; mediano; diversificado.                        |
| V: Elaboração de proposta de intervenção.  | Vaga; precária; insuficiente; mediana; bem; muito bem.                                   |

Como visto na competência I, “Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa”, a transição de “precário” até “excelente” é feita por termos caracterizantes cuja valoração caberá ao corretor. A classificação da redação entre um destes adjetivos – e, portanto, numa das pontuações disponíveis na competência – definirá a nota final do participante, e os critérios de classificação não são divulgados. Especulando-se que isto seja feito de acordo com o número de desvios gramaticais cometidos pelo candidato, ainda assim este procedimento é discutível uma vez que o participante pode questionar o estabelecimento de um número arbitrário para tal. A diferença entre os adjetivos é tênue e a avaliação é prejudicada se não há fatores específicos que orientem a delimitação da redação numa das sentenças que compõe a competência em questão. A não divulgação desses critérios produz insegurança no candidato, favorecendo a ocorrência de questionamentos sobre a nota final.

Com efeito, ao considerarmos o caso Enem, ainda que transformado num processo de admissão à universidade (e cuja inscrição é permitida adultos em qualquer idade), devemos observar a maior participação no exame por jovens egressos do ensino médio, muitas vezes ainda menores de idade e pouco afeitos à avaliações massivas. Quando um jovem se depara com adjetivos como péssimo, fraco ou insuficiente, as consequências em seu futuro vão muito além do resultado da concorrência em questão. Isto não leva a inferência de que a realidade quanto à qualidade da aplicação das habilidades

do estudante dentro das competências do Enem não deva ser ocultada. Contudo, o Enem é o Exame Nacional do Ensino Médio. É ferramenta de avaliação para levantamento da conjuntura situacional do Ensino Médio brasileiro. E ainda que seja meio de ingresso à universidades, tendo esta natureza indicativa, deve considerar seus aspectos educacionais na avaliação para que seja imparcial. O uso desnecessário de adjetivos não é fator de incentivo ao desenvolvimento das habilidades do candidato; tal negativa, além de produzir questionamentos prejudiciais à prova como um todo, pode prejudicar o futuro do candidato.

#### **4 Considerações finais**

A pesquisa deste trabalho teve como escopo avaliar a feitura de planilhas de correção, com enfoque em características específicas observadas como sendo critérios de correção recorrentes e problemáticos, além de esmiuçar os tópicos essenciais do texto para que seja de conhecimento do elaborador da planilha o que deve ser esperado do candidato.

A anatomia do texto (observando-se o tipo e gênero) solicitado em proposta de redação configura-se como fundamento para a elaboração da planilha utilizada. É notório que o avaliador encontra dificuldades quando na correção se não forem levadas em conta as especificidades do texto na concepção da planilha, prejudicando assim o participante.

A planilha não deve, no entanto, favorecer o corretor. Ela é instrumento de avaliação, meio pelo qual se atribui a pontuação correspondente, e não deve ser um meio de propagação da subjetividade da correção. A imparcialidade e a objetividade precisam nortear o processo da correção.

Dentro deste processo, ao se considerar os critérios de descarte do texto, é preciso evitar o confronto entre o participante e o corretor, tornando evidentes os tópicos que levam a este fim e ponderando a esta necessidade para a avaliação. O número mínimo de linhas não define a validade da redação se não está em conformidade com as características do texto solicitado – e se não tem suas particularidades devidamente divulgadas. A classificação do texto como fuga ao tema não deve ser feita levemente, sem considerar o texto como um todo. Já a definição e consequente eliminação por cópia ou plágio prescindem análise minuciosa da estrutura argumentativa.

Por fim, ao criar uma planilha, os termos nela empregados devem todos satisfazer a objetividade e justiça da avaliação, não sendo itens de juízo de valor específico às minúcias textuais.

## **Referências bibliográficas**

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. Rio de Janeiro: FGV, 1967.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A Redação no Enem 2013: Guia do Participante**. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/enem>> Acesso em 27 de maio de 2014.

SARMENTO, Leila Lauer. **Oficina de redação**. São Paulo: Moderna, 2006.

## **Glossário**

### **A Anatomia do Texto**

Acentuação (D.2.): colocação dos acentos gráficos e notações léxicas destinados a indicar a pronúncia das palavras e distingui-las.



Adequação à proposta (B.2.): desempenho textual em relação à prática solicitada.

Aplicação da Linguagem Dominante (C.2.): capacidade de emprego das características inerentes ao tipo textual.

Argumentação (E.1.2.): capacidade de organização discursiva e construção de discussão em defesa de um ponto de vista.

Aspectos Tipológicos (C.1.): competências relativas aos tipos textuais aplicados – narrar, relatar, argumentar, expor, descrever.

Coesão e Coerência (E): Articulações gramaticais existentes entre palavras e entre períodos que permitem uma sequência lógico- semântica entre as partes de um texto e relação lógica entre estas.

Conceito (E.1.): concepção, proposição ou definição explicitada no texto.

Concordância (E.2.2.): correspondência verbal ou nominal de flexão entre dois ou mais termos.

Construção (E.1.1.): qualidade da explicação e/ou conceituação da concepção, proposição ou definição.

Colocação pronominal (E.2.3.): posição e função dos pronomes em relação ao verbo.

Coloquialismo (D.5.): emprego de expressões ou palavras características da linguagem coloquial.

Estética (A.): organização visual e aspectos relativos à aparência do texto.

Estrutura (E.2.): organização dos componentes do texto.

Gênero (C): categoria de texto definida por sua finalidade, pela ação dos interlocutores e pelas características que o configuram.

Inadequação Vocabular (D.6.): uso de vocábulo cujo sentido não se ajusta ao contexto em que está inserido.

Margem (A.2.): linha divisória ideal entre o corpo do texto e o espaço livre da lauda.

Norma Padrão (D): conjunto de padrões linguísticos que definem a correção gramatical da língua portuguesa.

Ortografia (D.1.): emprego do conjunto de regras estabelecido pela gramática normativa quanto à escrita.

Paragrafação (A.3.): disposição do conjunto de parágrafos do texto.

Paralelismo Semântico (E.1.5.): sequência de termos ou orações de estrutura semântica equivalente.

Paralelismo Sintático (E.2.5.): encadeamento de termos ou orações de função sintática correspondente.

Pontuação (D.3.): disposição dos sinais gráficos de marcação melódica, rítmica e estrutural do texto.

Progressão textual (E.1.4.): desenvolvimento do por meio da distribuição

Rasura (A.1.): raspadura ou emenda sobre a palavra escrita que a descaracterize.

Redundância (E.1.3.): ideia ou termo previamente empregado cuja repetição prejudique e/ou não contribua para a compreensão da mensagem.

Regência (E.2.1.): relação de subordinação ou dependência entre um verbo ou um nome e seus respectivos complementos.

Sinal gráfico (D.4.): aplicação dos sinais auxiliares de escrita.

Uso de articuladores (E.2.4.): desempenho no emprego de conectivos que relacionem as informações do texto.

Uso dos textos motivadores (B.1.): aplicação das ideias e conceitos presentes nos textos motivadores.

Tema (B): delimitação de um assunto.